



Notas para pensar o “corre-corre” cotidiano nas cidades

Notes for thinking about the daily rush in cities

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa cotidiana**: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: ICS, 2015.

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

1. Resenha

Quanta falta faz o tempo em nossas correrias diárias... A cidade pode ser entendida como a expressão material desse corre-corre: engarrafamentos quilométricos, filas no banco ou no supermercado, anúncios e outdoors, e o tic-tac segue soando em nossos relógios mentais que sequer tomamos consciência de suas existências. O objetivo desse texto é apresentar resenha da obra intitulada “Lufa-lufa cotidiana: ensaios sobre a cidade, cultura e vida urbana”, de autoria do sociólogo português José Machado Pais, pela Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O livro está unido por seis capítulos que possuem inter-relação. Repare-se que se utilizou a expressão “unido” e não “dividido”, uma vez que o autor, a partir de exemplos do cotidiano e de metáforas densas, mas não de difícil entendimento, costura os capítulos de modo a que o(a) leitor(a) saboreie a obra em sua integralidade.

O tempo, enquanto categoria de análise, é um dos tópicos inicialmente abordado pelo autor ao proporcionar reflexão de como a sonoridade foi sendo demarcada de modos distintos ao longo da história. Em um recorte temporal, a partir do poder que a igreja estabeleceu, pode-se afirmar que o tempo era marcado pelos toques dos sinos, que foram substituídos pelo tic-tac dos relógios, que foram substituídos pelas sirenes das indústrias. Qual seria a substituição contemporânea? *Click? Like?* Fica a reflexão para o(a) leitor(a) da obra.

¹ Doutor e Pós-Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre- RS, Brasil. ORCID: 0000-0001-5624-8476 E-mail: victor.juventudes@gmail.com.



A expressão "lufa-lufa", em desuso nos dias atuais, ainda mais no contexto brasileiro, poderia ser entendida como o corre-corre ou a "carrera" diária da qual somos submetidos desde o toque dos despertadores até aquela última olhada nas redes sociais antes de dormir. Entre o primeiro e o último toque no celular, somos perpassados, cada um em seu modo, por uma rotina intensa de atividades no trabalho, em casa, nos relacionamentos, no cotidiano como um todo.

Nesse sentido, o autor define o objetivo central da obra como "questionar a relação conflituosa que temos com o tempo na chamada lufa-lufa cotidiana" (PAIS, 2015, p. 11) e, para isso, adotou o uso da metodologia definida como deambulações sociológicas, na qual "o cotidiano foi tomado como alavanca metodológica do conhecimento" (PAIS, 2015, p. 15). Tal construção metodológica parte de outras ideias do autor, já desenvolvidas em obras como "Sociologia da Vida Cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso" (PAIS, 2002), "Vida Cotidiana: enigmas e revelações" (PAIS, 2003) e "Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas" (PAIS, 2006). Machado Pais entende o cotidiano como sendo "onde tudo passa, sem que nada pareça passar" e é nessa perspectiva que avança as discussões de sua obra.

No capítulo 1, intitulado "Dolências e indolências da vida urbana", o autor contextualiza, a partir de denso referencial teórico como Baudelaire, Lefebvre e Simmel; o movimento de passagem do "paradigma da lentidão" que dá lugar ao "paradigma do encontrão". Essa substituição da lentidão pelo encontrão, que é entendido como algo que vai além de um encontro, ou seja, é uma "topada", "retrata este sentido de ir contra ou em contra" (PAIS, 2015, p. 28). Assim é a modernidade urbana: tão rápida e acelerada que permite múltiplos "encontrões" diários e cotidianos. O capítulo 2, denominado "Um dia sou turista na minha própria cidade", provoca a reflexão, a partir de leituras fenomenológicas, de como as percepções cotidianas da cidade podem nos levar a lugares impensados, de maneira a problematizar tópicos de nossas vivências urbanas. O autor aponta para modos de ver e fazer a cidade encontrados a partir de elementos como pacotes de açúcar, anúncios publicitários e contratempos.

Já o capítulo 3, "Dilemas do cotidiano: subjetividades negociadas" dispõe-se a discutir o cotidiano como estratégia metodológica de investigação, a partir de dilemas corriqueiros do dia a dia como o uso da gravata, as filas de trânsito ou, ainda, os comportamentos sexuais. Há destaque analítico para as tensões estabelecidas entre as dicotomias da heteronomia e da autonomia e entre emancipação e alienação.

O capítulo 4, por sua vez, nominado "Cidade, cidadania e participação", traz à tona a discussão das juventudes urbanas que, organizadas a partir das tribos apontam para os múltiplos modos de vida, a partir do plural, do diverso, da afirmação identitária e da requisição da autoria de suas vidas.

No capítulo 5, intitulado "Antes de musicar: a libertação pela arte", há



um delicioso encontro musical entre Brasil e Portugal, quando o samba e o fado se encontram para ilustrar as possibilidades de análise que a música pode exercer no cotidiano das cidades. O capítulo 6, “Estudos culturais e fontes documentais”, por fim, evoca a apropriação do campo dos estudos culturais para pensar o universo semântico que vive nas áreas urbanas, para além de suas associações, estilos, temas e audiências. O autor chama atenção para novas formas documentais, como a arte, e evidencia suas potencialidades.

Em entrevista realizada em 2016, em uma rica oportunidade de diálogo com o Professor José Machado Pais, questionou-se sobre o cotidiano e suas formas de apropriações analítico metodológicas, quando o autor esclareceu que “O cotidiano é antes uma possibilidade metodológica de decifração do social [...] com uma dupla preocupação: a ver a sociedade a nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles” (PAIS, LACERDA, OLIVEIRA, 2017). Essa preocupação metodológica fica evidente na obra resenhada, uma vez que coloca os pesquisadores em um compromisso ético, estético e político, ao não apenas buscar captar e entender o cotidiano por seus olhares, mas em estar atento sobre como a sociedade se traduz nas “lufa-lufas” diárias dos sujeitos investigados.

Referências bibliográficas

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. Lisboa: ICS, 2002.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. Porto: Ambar, 2006.

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa cotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: ICS, 2015.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00301.pdf> Acesso em: 19 jun. 2020.



Como citar esta resenha:

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Notas para pensar o “corre-corre” cotidiano nas cidades. *Áskesis*, São Carlos - SP, v. 9, n. 1, p. 148-151, jan./jun. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9120.495>

Data de submissão do artigo: 24/06/2020

Data da decisão editorial: 07/02/2021